

Novas Mídias: Projeto cores

Por Ana Carolina Alves, Arianne Felix da S. de O. Peris e Mariana badan

Orientação: Prof^a Helena Varvaki

Exercícios de atuação: novas mídias

Resumo:

Duas jovens mulheres capturaram através das lentes de uma câmera pequenos fragmentos de suas próprias vidas, e uma terceira reuniu esses olhares, aparentemente tão distintos, em um vídeo único, apresentando em recortes as experiências e vivências dessas duas mulheres. Um trabalho que parte das divergências desses três olhares, que enfim convergem-se ao que lhes é comum: o universo feminino, suas questões e sua forma de pertencimento no mundo.

Primeiro olhar: Mariana.

Na ponta do pincel traço meu laço

Pinto o abraço, faço, desfaço, esqueci daquele acaso.

Utilizo cores com meus pés descalços

De manhã "desacelero" o meu compasso

De noite tomo conta para descontrolar a mente.

Docemente. Doce-mente

Gotas das tintas dos meus quadros permanecem intactas durante alguns dias em meu corpo

É meio porco.

Sinto ligação com esses tais animais que vieram do esgoto.

Mas o que sou, se não houver dentro de mim o podre, o sujo, escuro?

Se não mergulhar nesse poço profundo?

Mergulho, subo, encontro pincéis jogados pelo mundo.

Descubro , me cubro mais uma vez de gotas de tintas e então continuo nesse fluxo.

Hora mundo, hora imundo, hora me confundo. (Essa tal aproximação com o fundo).

Passo como um raio diante dos irmãos mundanos, permeados de danos de donos. Então fujo, me encontro em meu refúgio.

Sem prazer de convidar esses homens com olhos de vidros, que conseguem apenas te julgar.

Triste homens...

Volto para tela.

Já não permanece naja branca, agora surge essa nova cor de esperança.

Me enfio no plano espiritual, tentando compreender que dessa passagem o que se leva é o que se deixa.

Deixam marcas de tintas. Algumas mais escuras, algumas mais claras, depende de quem deixa.

É tinta... É só a tinta que fica. E então porque corremos de um lado ao outro enfiando nossos pincéis em telas que não fazem parte do meu encontro?

Me CANSO do que digo, do que grito do que minto, do que sinto.

É o Namastê que perde seu valor, é o olho na alma que não tem valor é o não se aceitar, não aceita-los , não, não, não, nao.

E os animais do esgoto? Antes os bichos em silêncio do que esses bichos em fúrias. Fúria de si, fúria da tela em branco, que de tão branco virou branco-sujo.

Ou pinta, ou joga fora, porque tela embaçada só serve de entulho para nossas asas, casas, escadas.

Pinte-se

Segundo olhar: Ana Carolina.

Devolvam-me as cartas, as mágoas e as lágrimas.

Devolvam-me os gritos, os lírios e os chocolates em caixas.

Devolvam-me os livros, os vídeos e os beijos amargos.

Devolvam-me o tiro, os risos e as marcas.

Devolvam-me o sangue, o roubo e a virtude.

Devolvam-me o todo, o nada e o pouco.

Devolvam-me a mim. A carência, a vivência, a falta e a fome.

De mim, para mim.

A proposta se iniciou como um encontro. Um encontro entre duas meninas, mulheres, seres. Dois seres que tem dentro de si um oceano de incertezas e de certezas roubadas por um mundo de “alguém”. Dois seres que lavam seus corpos diariamente com a água do desapego, a água do desejo e a água do porvir. Duas meninas, que se encontraram sem saber que estavam se encontrando, ou que se perderam a tempos e mesmo assim continuam se achando. Se achando em olhares, em sorrisos, em toques alheios, em gente. Gente que nem a gente, mas gente mais de mil, mais de mil definições de poderes, de lutas, de atavismos e disputas. Gente que nos faz ser espelho daquilo que nunca sonhamos ver.

As duas mulheres encontravam-se sentadas uma do lado da outra em um dia qualquer, uma hora qualquer, um momento exato. O momento do encontro. O incomodo morava dentro de ambas, mas uma foi mais ligeira que a outra, expôs toda a dor, todas as lágrimas e as graças. Se expôs, fez um pedido e agradeceu. Falávamos sobre o mundo, sobre aquelas pessoas que acima citei como pessoas quaisquer. Falávamos da condição de vida, de existência e de morte da maior parte das pessoas do mundo. Do tudo e do nada. Falávamos da desigualdade e dos reflexos de dias difíceis. Quando uma se expôs a outra logo acompanhou, pulso firme disse em meio ao silêncio: sim. Sim ao quê? Talvez sim a ela, sim a outra, sim ao mundo. Sim a vida, sim a morte e a tudo aquilo que estava preso no contexto lacrimoso da outra menina que deixava os olhos brilhar. Porém ouve um brilho ainda maior diante de todo aquele questionamento e daquela exposição. Uma, expunha sua vida dizendo que passava por dificuldades financeiras, e questionava o quão consumistas nós somos, sem mesmo nos darmos

conta do que de fato, precisamos para sobreviver. A outra, expunha sua realidade, um pouco diferente da qual acabara de escutar, mas mesmo assim, colocando em jogo tudo aquilo que poderia, seria e foi alvo de julgamento perante aos que assistiam a conversa. Era para ser apenas um encontro. Um encontro de meninas mulheres que defendiam e questionavam seus próprios seres, mas foi mais... O encontro de fato se deu quando a interrupção do diálogo deu início a uma grande proposta. Juntas, fomos convidadas pela professora Helena a um desafio. E se mostrássemos mais claramente o foco daquela conversa? E se mostrássemos a todos, a realidade que pairava no dia-a-dia de cada uma de nós. E se... O convite foi feito e aceito. A partir daquele momento, tínhamos um diário em movimento para expor. A vida rotineira, suas circunstâncias, seus desafios e suas causas no mais claro e sincero depoimento gravado. Para enfim, mostrar nada mais, nada menos do que a vida igual e tão diferente de duas moças. O consumismo foi o foco da proposta, a diferença de vida de uma para outra se daria de forma espontânea. Com um aparelho celular em mãos, o diário em movimento passou a ser gravado. Pouco a pouco, percebi o quão exposta eu estaria, gravando minha vida particular e minhas dificuldades colocadas no dia do encontro. De um lado, “meu eu consumista”, uma mulher com dificuldades de ser e não de ter, mas com plena consciência daquilo que resolveu mostrar: Sapatos, bolsas, maquiagem, máscaras, máscaras e máscaras. Tudo fruto de um passado generoso. Generoso no amor e na dor. Marcas que foram transformadas em cores vermelhas, rosas e beges dos batons em cima da penteadeira. Feridas que foram amontoadas em caixas de sapatos altos, médios e baixos. Saudades que vivem presas em bolsas de todas as cores e tamanhos. Vida. Uma vida repleta de memórias boas, ruins, frágeis e concretas, que hoje, se conectam com o mundo externo através daquilo que eu desejo ser. Ao juntarmos os diários, dia após dia, notamos que o que uma exteriorizava, a outra guardava. Percebemos ainda mais, que as duas possuíam comportamentos muito parecidos mesmo em raias tão distantes de demonstração. Pessoas, pessoas eram o que montavam a vida dessas duas meninas. A importância dada a essas pessoas transformava-as em seres totalmente diferentes e ao mesmo tempo, tão semelhantes. Aos poucos notamos que as realidades se misturavam, que as

dores existiam nas duas, que os amores eram construídos para todos os lados e que a felicidade morava em ambos os corações. As marcas foram feitas, feito tatuagem na pele e as respostas foram dadas, feito gente. Gente que nem eu, que nem você, que nem todos. A grande satisfação ao ver o diário é saber que, pensamos que somos apenas isso, porém, a realidade nos mostra que isso é apenas um pedaço de nós.

Terceiro Olhar (edição) – Arianne.

O trabalho de Mariana e Ana Carolina era gravado por elas mesmas, através de pequenos vídeos de pessoas presentes em seu cotidiano, situações de suas vidas, seus questionamentos e depoimentos que eram filmados por elas mesmas. Assim, uma grande quantidade de material bruto foi produzida. A proposta da professora Helena Varvaki era que todo esse material composto de pequenos vídeos fosse editado e juntos criassem algum tipo de narrativa, um filme curto, a princípio com 10 minutos de duração, para após ser reduzido para 5 minutos. Recebi a provocação de Helena para ser a responsável pela edição desses vídeos.

Eu nunca fui realmente ligada ao trabalho com as mídias audiovisuais e assim que o bimestre foi iniciado fiquei bastante preocupada com disciplina proposta, pela minha falta de conhecimento com relação à linguagem proposta por ela. Eu sabia fazer a edição de músicas, porém nunca havia feito de vídeos. Na verdade, eu nem sabia que existia um editor de vídeos chamado *Movie Maker* em praticamente todos os computadores. É um editor muito simples e um pouco limitado em questão de recursos, porém, fácil de ser utilizado. O primeiro vídeo que editei, chamava-se “Como encontrar uma agulha no palheiro”, e foi o primeiro vídeo proposto em sala pela professora Helena. Esse meu primeiro contato com a edição foi fundamental para entender minhas possibilidades com o vídeo, tanto em questão de recurso técnico, quanto linguagem visual. O vídeo “Como encontrar uma agulha no palheiro” foi produzido por um grupo de cinco alunas: eu, Mariana Badan, Kamilla Neves, Daniela Porfírio e Monique Bernal. Nós tínhamos o tema principal que era questionar a presença da tecnologia no nosso

dia a dia e o quanto essa pode interferir no nosso estar presente. Fizemos imagens aleatórias junto com um conceito que criamos que era pautado na abertura e fechamento de janelas em nossas vidas, tanto físicas como online. Eu havia mexido um pouco no editor anteriormente e por isso fiquei responsável pela edição das imagens. O material era bem variado, havia vídeos de carros passando na rua, prédios, grafites nas paredes, as janelas, etc. Para que tudo que foi gravado fosse aproveitado de alguma forma, pensei na edição como uma colagem, onde eu trabalharia com recortes e pequenos fragmentos de vídeos que ajudasse a revelar o conceito escolhido. Assim, aconteceu meu primeiro contato com a edição, de fato.

Algumas semanas após, o diretor Luiz Rosemberg foi convidado a nossa turma para falar um pouco de seu trabalho. Assistimos um de seus filmes, onde esse utilizava-se de muita imagens, colagens e recortes para destacar o seu discurso principal. O olhar de Rosemberg, para mim, que tenho tão pouco conhecimento sobre o audiovisual, foi muito importante para meu entendimento de que o que eu fiz nas edições anteriormente era um caminho possível para se criar material. Foi uma grande abertura para o meu olhar.

Para o trabalho atual, “Projeto Cores”, como já havia uma grande quantidade de material gravado, tentei então repetir a fórmula que eu já havia conseguido utilizar anteriormente: recortes e fragmentos de vídeos, que unidos estivessem a serviço de uma determinada ideia central. Esse ano fiz muitos trabalhos com a temática do universo feminino (desde o “Bonde chamado desejo” em Dramaturgia Moderna, com a professora Cecilia Wellisch até a disciplina Performatividade com a professora Monnica Emilio). Assim, muitas referências de toda essa pesquisa que venho desenvolvendo, acabou sendo utilizada como o conceito principal do vídeo que eu iria editar: a mulher, suas questões e sua forma de pertencimento no mundo, e a partir disso, como essas duas jovens mulheres com vidas aparentemente tão diferentes, são tão iguais. A ideia de que partindo das divergências entre essas duas vidas, eu chego aos pontos de convergência entre ambas.

Assim surgiu o projeto, baseado nos questionamentos dessas duas mulheres e sua relação com a vida, com o mundo, com outro. Como todas as peças de suas experiências e vivências se encaixam e formam esse “ser” em constante transformação de cada uma.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.
- _____. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.
- LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.
- ROSEMBERG, Luiz. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 13 de novembro de 2014. (comunicação oral).